



# IV CUMBRE COOPERATIVA DE LAS AMÉRICAS

Cooperativas: asociatividad  
para el desarrollo sostenible

14 -18 Noviembre 2016 , Montevideo - Uruguay

**COOP**  
Cooperativas  
de las Américas  
Región de la Alianza  
Cooperativa Internacional

## Eje 2

### ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA: ESTRATEGIAS PARA SU FORTALECIMIENTO

## O que construímos e para onde vamos

Nelsa Inês Fabian Nespolo

Costureira. Diretora presidente da Cooperativa Univens e da Cooperativa Central Justa Trama, Vice-presidente da Unisol Brasil. Autora do livro Tramando Certezas e Esperanças, 2014. Diretora de Economia solidária do Governo do Estado do RS/ Brasil entre 2011 a 2014

### O Sistema

A economia social e solidária faz um contraponto ao sistema capitalista. Enquanto a base do capitalismo se baseia no individualismo, na competitividade, na disputa do maior para se globalizar destruindo menor, no acúmulo desenfreado da riqueza, da exploração do ser humano justificado pelo lucro, a economia social e solidária prega essencialmente o COLETIVO, e este acima de qualquer outro valor, é nele que se baseia a democracia, a distribuição justa dos ganhos, a produção sustentável, o respeito, o fortalecimento das várias iniciativas. Não cabe a disputa entre uma e outra iniciativa. O coletivo emancipa, torna-nos solidários nas relações e nas atitudes e sobretudo no resultado. O coletivo nos transforma em pessoas melhores, enfrenta as contradições e nos reeduca quanto as atitudes de competição e disputa ainda não superadas.

A grande contradição e antagonismo destas duas formas de fazer a economia acontecer, nos deixa o tempo todo em conflitos profundos. Porque é lógico que não são práticas isoladas, vêm carregadas de uma profunda ideologia. O capitalismo por si só se readapta, e enfrenta seus vários momentos e tenta cooptar todas as iniciativas possíveis de alternativas a ele e com isso, não resiste de toda e qualquer metodologia para impor sua ideologia, seja na educação desde os primeiros anos de vida das crianças, já educou os pais para que reproduzam as praticas de forma natural e resignada ainda por gerações anteriores a nossa. Reproduz nos meios de comunicação. O capitalismo tem história de longa data. O tempo da historia do cooperativismo e da economia solidária é bastante recente em relação ao capitalismo por isso seria injusto apresentar um contra o outro no mesmo patamar de construção.

Tel. (506) 2296-0981 • Fax (506) 2231-5842  
Correo: aci@aciamericas.coop  
Apdo. Postal 6648-1000 San José, Costa Rica

Para inscripciones:  
inscripciones@aciamericas.coop  
www.aciamericas.coop

## **Porque surge Cooperativismo/ porque surge Economía social solidária**

Vivemos em uma sociedade de contradições, de desigualdade econômica e portanto acompanhada de todas as desigualdades possíveis. Sempre houve e haverá os inconformados pelas injustiças sociais, e sobretudo com as mazelas de pobreza e miséria gerados pelo sistema capitalista que vivemos. Neste contexto surgem iniciativas de ações sobretudo econômicas de inconformidade de vender seu maior bem, a sua mão de obra, e vem o cooperativismo e no final do século passado a Economia solidária. As tantas contradições de praticas do cooperativismo cooptadas pelo sistema capitalista provocam o surgimento de outras formas de organização coletiva, que definimos como economia social e solidária, essas práticas se dão de forma vertical e também horizontal.

As cooperativas de fachada que se proliferaram em todo mundo, se contrapõem as verdadeiras cooperativas autogestionárias. Ou seja, enquanto cooperativas sérias, convivem com processos de autogestão, democracia direta e distribuição justa dos ganhos entre os cooperados, as de fachada tem dono, os cooperados vendem sua mão de obra, portanto não se comercializa produto gerado ou serviço gerado, além disso o ganho e a riqueza gerada se concentra em quem administra a cooperativa. Isso criou um descrédito ao sistema cooperativista, pois as praticas se assemelham a empresas capitalistas porem pioradas, pois não respeitam os direitos conquistados pelos trabalhadores de carteira assinada (assalariados) com isso definimo-as como precarização da mão de obra. Sem contar que as cooperativas vêm carregadas de legislações de seus países e em muitos casos dificultam o surgimento pelo excesso de burocracia, e outras exigências como o numero de cooperados para ser reconhecida.

Assim chega a Economia social e solidária, com um resgate forte de princípios de coletividade e de democracia interna, e especialmente para enfrentar as diversas situações de desemprego e sobretudo de falta de perspectivas postos de trabalho. Ao mesmo tempo e com uma situação bem adversa do ponto de vista da economia dos países, a forma como a economia solidária se organiza no Brasil, na America Latina não é a mesma forma em que a Economia social se organiza na Europa. Um grito para enfrentar o desemprego gerado pelas empresas capitalistas, surgem as empresas recuperadas. Nos perguntamos será que algum capitalista desistiria de sua empresa se esta tivesse viabilidade ou mercado? Assim as empresas recuperadas onde grande parte o capitalista dono anterior sugou a infraestrutura (prédio, instalações elétricas e hidráulicas), gerou dividas, quebrou a credibilidade do mercado tanto na venda como na compra de matéria prima e insumos, os trabalhadores que até a pouco só cumpriam ordens passam a serem donos deste negócio falido ou quase falido, então é preciso enfrentar tudo. Automaticamente num novo conceito como se fosse apagar toda a educação e ideologia que ele tinha ontem para agora fazer um processo de autogestão, democracia direta e sentirse em um coletivo com responsabilidades de dirigir, produzir, comercializar, representar, se articular e negociar com bancos, empresas e ainda construir políticas públicas.

Mas temos também na economia solidária outras iniciativas que surgem do nada, sem infraestrutura, sem equipamentos, sem capital de giro e sem mercado. Isso é um milagre dar certo? Sim é fruto de uma profunda persistência. Assim surgem muitas cooperativas de costureiras, de catadores (coletores de lixo) e na área da agricultura familiar e agroecológica, artesãos, sociais e alimentação. Muitas destas iniciativas surgem e estão de forma ainda não regulamentadas, que definimos como grupos ou coletivos, essas trabalham na informalidade o retorno financeiro sempre é pouco, direitos quase não tem, vivem amanhã do que produzem hoje. Temos também as associações que muitas confundem suas praticas com as cooperativas, confundindo a função do associativismo com praticas de comercialização e estão muito na área rural e no artesanato. Outras iniciativas optaram por serem microempresas solidárias, geralmente por serem poucas pessoas e sobretudo nos países onde a legislação tributária beneficia esta forma de regulamentação.

Com esta diversidade compreendesse também organizações de redes que necessariamente não tem um produto ou serviço gerado, mas fomenta as várias formas de organização da economia social e solidária.

Assim é a economia social e solidária, baseada em princípios claros e profundos que transformam as pessoas, no confronto direto por serem essencialmente coletivos, regidos pela democracia direta, pela divisão justa dos ganhos, pelos processos de autogestão e participação ativa de seus membros. Necessariamente isso constrói consciência. Não de forma impositiva, mas conquistada na dia a dia. Porem nem por isso todos tem esta pratica. Segundo Paul Singer na conferencia nacional de Economia Solidária no Brasil em 2014 afirmou que a maioria dos empreendimentos de Economia solidária que terminam, são por problemas nas relações. Problemas na gestão. Assim como é profundamente realizador o trabalho coletivo é também profundamente difícil. Colocarse aberto para mudar as práticas, as atitudes, construir no dia a dia outro ser humano, é construir a Economia social e solidária.

### ***Construção do conceito***

O cooperativismo e a Economia social e solidária, ambas buscam o trabalho coletivo para que se possa enfrentar o pior do capitalismo que é a desigualdade social. E essa desigualdade é gerada pela péssima distribuição da riqueza. A riqueza é gerada pela economia. A economia acontece com a produção de bens e serviços. Nesta estratégia não é possível transformar a economia se não tivermos cooperativas e iniciativas de economia solidária fortes nos vários setores da Economia. Por isso que há um contraditório: enquanto alguns pensadores e ideólogos sobretudo das organizações de apoio e das universidades concentrarem os conceitos e as elaborações, a grande maioria dos trabalhadores e trabalhadoras que estão na Economia solidária e no cooperativismo não participam nesta elaboração deste processo. Portanto continuam sendo trabalhadores alienados do processo de produção e também do ponto vista da alienação política e social.

Ao mesmo tempo as elaborações prosseguem, com momentos de formação que muito pouco estimulam os trabalhadores e trabalhadoras das cooperativas e da economia social e solidária. São processos de formação de transmitir o conhecimento elaborado sobre os conceitos e a ideologia necessários para ser desta outra economia. Enquanto a merce fica a produção e comercialização, como se fossem complementos da Economia social e solidária. Se não influirmos nos processos de produção, comercialização e consumo, não estamos construindo outra economia, estamos sim precarizando a vida dos trabalhadores e trabalhadoras que não querem um patrão, mas querem trabalhar coletivamente com dignidade, portanto com retorno econômico. Há um esforço, mas é profundamente necessário que as universidades e organizações de apoio contribuam e provoquem este encontro dos trabalhadores e trabalhadoras da Economia social e solidária.

### ***Quem define conceitos/ quem vive***

A busca de fazer valer este outro sistema de fazer a Economia acontecer, trouxe o encontro da política publica, e esta veio com força nos últimos 15 anos quando a America Latina, especialmente, elegeu Governos populares em seus Países. A maioria das constituições de nossos países e a formação das equipes de Governo nem sempre convencidos quanto a Economia social e solidária, tem dificultado construir políticas que possam fomentar diretamente os empreendimentos, como: fundos de economia solidária, programas de compra de equipamentos, construção de infraestrutura e capital de giro. Desenvolve com mais facilidade convênios de formação e articulação com entidades e Universidades. Com isso temos muitos processos de formação, e que muitas das vezes ficam aquém da real realidade dos empreendimentos que necessitam produzir, comercializar, representar, administrar, articular e ainda participar de momentos de formação, a qual geralmente ou quase nunca acontece dentro do empreendimento e os mesmos precisam se deslocar, o que não contribui para uma formação dos vários trabalhadores, ficando restrito a um ou mais associado e também não ajuda a entidade e universidade para que venha até a realidade de cada empreendimento. Muitas vezes esses conceitos não são aplicados na pratica do dia a dia, pois o sistema capitalista nos coloca sempre em contradição inclusive no momento do consumo e neste sentido esta a maior contradição de quase todos os atores da economia solidária e social, o que é produzido seja bem ou serviço é para o mercados pois os trabalhadores e nem o empreendimento os consome.

### ***Relação ideológica e as praticas de economia social e solidária***

A economia social e solidária tem uma ideologia forte e voltada para si própria de forma que sua relação com os demais movimentos sociais e inclusive com a política publica ainda não é muito clara. Um retoque anárquico em relação ao Estado, e um retoque da doutrina da Igreja Católica de que as dificuldades nos fortalecem. Portanto tudo é um tanto difícil. Muitas feiras com pouca comercialização, “*mas fortalece as relações*”. Os gestores da política pública valorizam muito qualquer valor investido porque “*foi mais que em outros governos anteriores*”. Empreendimentos e cooperativas, com muitas dificuldades, têm retiradas menores que o salário mínimo regional e sobrevivem sem os direitos

conquistados pelos trabalhadores assalariados no sonho da possibilidade de dar certo a iniciativa. Alguns sobrevivem nesta situação anos sucessivos. E participam de inúmeros encontros de formação e conceitos claros de economia solidária. Praticam a economia da solidariedade na pobreza e essa não pode ser a situação que nos acomode e que nos deixe indiferentes aceitando essas praticas. Pois sempre temos que ter presente que outra ECONOMIA ESTAMOS CONSTRUINDO? Qual o diferencial no bem e serviço que estamos produzindo, sua forma e sua distribuição da renda gerada?

### ***A política pública emancipa?***

A política pública, pode ser assistencialista ou emancipatória, por isso merece um destaque. Precisamos de políticas públicas de Estado, de políticas de governo e de Governos comprometidos com as causas sociais. É um tripé importante. Onde conseguimos juntar esse tripé temos um avanço significativo da Economia solidária, com leis, programas e ações que fortalecem de fato a construção de outra economia. Poderíamos destacar várias experiências de cidades, Estados e Países de nossa America Latina, que tem passos importantes como leis nacionais de Economia social e Solidária no Equador, Leis atualizadas do cooperativismo inclusive permitindo filiais de cooperativas como é o caso do Uruguai, leis de compras publicas do cooperativismo e Economia solidária no Brasil. Decretos e leis de comercio Justo. Também programas pontuais de formação, apoios em infraestrutura, equipamentos e comercialização. Fortalecem esta forma de promovermos desenvolvimento. Porem quando os governos são de direita, essas leis não são aplicadas, os programas terminam, as prioridades são outras. Ter a consciência clara que o destino do dinheiro público necessita uma constante vigilância da sociedade sobre quem está nos governos, e se envolver nas decisões da política pública é hoje um tema colocado para garantir o presente e futuro da Economia solidária. Manter a autonomia do movimento é ter posições claras, bandeiras definidas, e saber onde queremos chegar. Definir uma plataforma de políticas públicas eleger representantes comprometidos com esta plataforma é um desafio colocado. As políticas públicas devem nos fortalecer, pois o que mais queremos não é egoísta, é coletivo, é o Bem comum.

### ***Reais impactos da economia solidária na construção de outra economia***

O enfrentamento deste modelo econômico deve ter por parte do sistema cooperativista autentico junto a outras formas de economia solidária, sejam estas como associações, coletivos, grupos, microempresas solidárias, com todos os setores de organização social de raça e gênero nos mais variados setores da economia, seja em todas as áreas de atuação estarmos fortemente fortalecidos em redes, redes que gerem serviços, bens e produtos, isso que poderá fortalecer a integração entre os pequenos e iniciantes com os já estabilizados. Isso poderá dar impacto para outra economia, ou seja, é necessário que as artesãs se articulem para adquirir por melhores preços suas matérias primas, que as costureiras se articulem para a compra dos tecidos, que os agricultores se articulem em redes para a compra de sementes e insumos, que os catadores se articulem em redes para vender os resíduos com melhor valor, que as educadoras se articulem em rede para uma educação de

impacto e assim por diante. Esse é um passo importante para que muitos empreendimentos saiam da situação de pobreza que vivem hoje. Muito pode ser enfrentado na articulação das redes que são fundamentais para fortalecer esta outra economia. Nos perguntamos que outra economia isso fortalece? Os capitalistas também atuam em rede? As redes dos capitalistas fazem com que eles sejam mais ricos e concentrem mais a renda gerada. Essa relação das redes faz com que esta riqueza venha pra cá e fortalece os coletivos e fortalece uma relação mais horizontal.

E as cadeias produtivas solidárias?

As cadeias são um processo vertical das redes, é juntar setores econômicos diferentes que estão dentro das redes. Dois exemplos importantes: A Justa Trama, junta 5 regiões do Brasil, 6 cooperativas e associações e dois coletivos envolve desde os agricultores que plantam o algodão orgânico, cooperativa de tecelagem que faz o fio e o tecido, cooperativa de costureiras e de calçado, cooperativa de artesanato para os adereços/ botões e coletivos para os brinquedos e todas com o algodão orgânico desde o plantio até a produção das roupas. Todo esse processo se completa com a comercialização. Nesta cadeia que articula todos os elos de produção todos ganham, pois não tem atravessador, todos os processos são feitos em cooperação por cooperativas e associações da economia social e solidária. Neste sentido não estamos fazendo redes para comprar de uma empresa capitalista por melhores preços, e que de certa forma concentramos nossa compra em um a empresa que enriquece mais ainda, mas estamos com todos os processos de uma cadeia e, portanto desde o primeiro ao último todos ganham de 50 a 100% acima do mercado se fizesse o mesmo produto. Neste exemplo em particular, além disso, estamos falando de algodão orgânico. Portanto enfrentando o sistema não só no processo, mas também nos insumos de agrotóxicos já que o algodão concentra 25% dos agrotóxicos do planeta. Estamos falando de um país, Brasil que tem o maior mercado consumidor de agrotóxicos e que os últimos estudos apontam segundo João Pedro Stedile do MST (Movimento dos trabalhadores sem terra) cada brasileiro consome em média 5 litros de agrotóxicos por ano.

Outro exemplo de cadeia é a cadeia binacional do pet. Que é a integração de dois países: Brasil e Uruguai integrados por cooperativas da economia solidária. No Brasil no Estado do Rio Grande do sul as cooperativas de catadores se juntaram em centrais para produzir a partir das garrafas do pet o flake, enviar para o Uruguai onde a cooperativa Coopima produziria a fibra e retornaria no Brasil para produzir o tecido. Houve o ensaio de outros países se integrarem inclusive Cuba. Muitos encontros e articulações ocorreram numa integração do Mercosul. Agregando valor a todos os elos pois mais uma vez não há atravessador capitalista que concentra um elo e portanto a riqueza gerada.

E neste sentido podemos projetar cadeias curtas ou longas, locais ou de integração nacional ou mesmo binacional. Mas precisamos avançar na ousadia. Não é possível não integrar as artesãs que trabalham com lã com cooperativas que fazem a lavagem da lã e com os criadores de ovelhas. Integração entre os pescadores com o beneficiamento do couro do peixe e das escamas, além de cooperativas de alimentação. As várias iniciativas de

alimentação que não integram com os agricultores que tem o trigo, o arroz, as farinhas, as frutas, os sucos. Integrar as cooperativas na área da construção com as cooperativas habitacionais.

Isso é urgente e profundamente necessário. São as cadeias de produção da economia solidária que se entrelaçam, buscam seus elos para se fortalecer e serem correntes fortes que fazem o impacto nesta economia.

Neste sentido é profundamente urgente desenhar estratégias destas redes e cadeias e promover o encontro e o fortalecimento das mesmas. As cooperativas e outras formas de organização já existem e atuam de forma isolada, provavelmente haverá elos que precisam ser criados, mas é para isso que estamos refletindo. Essa estratégia deveria nos guiar nas próximas ações para fortalecer especialmente a América Latina. Essa estratégia é importante que tenham dois motores guias:

- Desenvolver cadeias que tenham um recorte de preocupação com o meio ambiente
- Que estejam acompanhadas de políticas públicas para que o Estado cumpra seu papel de governar para todos, colocando o ser humano em destaque e prioridade e portanto promovendo uma economia sustentável. Promover políticas que fortalecem a Economia Social, solidária e cooperativada é promover um desenvolvimento inclusivo, equilibrado no sentido da distribuição justa da renda portanto da Justiça social.

As os trabalhadores e trabalhadoras das cooperativas, associações e coletivos da Economia solidária devem ser os protagonistas, os estrategistas desta construção.

É possível construir uma outra economia, na qual a vida prevaleça sobre o trabalho, e o trabalho prevaleça sobre o capital.

A Economia Solidária que se constrói nos interstícios que as crises inerentes ao capitalismo deixa desocupados; terra deixada improdutiva que via reforma agrária é entregue a trabalhadores, que a cultivam em empreendimentos solidários; é o lixo que infesta as cidades que é reciclado por cooperativas de catadores. O maior desafio é motivar e resgatar a multidão deixada à margem, fazendo-a ver que sua emancipação é possível desde que se tornem protagonistas dela. (Singer, Paul

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172003000200008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172003000200008&script=sci_arttext), Acesso em 16/05/2014).